

Não há respostas exatas, naturalmente, a estas perguntas. Mas o que descobrimos nos torna capazes de fazer conjecturas.

Se a entidade pode existir no espaço e através dele, em teoria, pelo menos, é passível de ir a qualquer lugar do Universo. Na prática, portanto, existe uma grande variedade de condições — as “muitas moradas” às quais se referiu o Cristo — para as quais são atraídas as entidades, que se integram aos ambientes que lhe são afins, seguindo o princípio de que os semelhantes se atraem. Sem dúvida a entidade “acha seu nível próprio”. Parece provável, por exemplo, que um gênio científico encontre na outra existência condições que lhe permitam completar ou desenvolver o trabalho ou as investigações científicas a que se dedicou aqui na Terra.

Como não é material, não esperamos que esta entidade seja afetada pelos extremos de calor e frio; despojada do corpo humano não precisa mais de água ou oxigênio. Se precisar de um tipo de “corpo” para funcionar, a Natureza, sem dúvida, poderá fornecer o equivalente ao campo L humano, isto é, algo capacitado a construir uma forma de material completamente diferente ou até mesmo campos de energia. Nos escritos religiosos e esotéricos há referências a um “corpo de luz”. Provavelmente muitos tipos de campos L extraterrenos são disponíveis para construir formas adequadas a qualquer tipo de matéria, ou ambiente espacial, seja no calor de Vênus ou no frio de planetas distantes; porque não há limites à habitabilidade e aos poderes da Natureza.

Há então, pelo menos, uma boa possibilidade de que após a nossa morte sejamos capazes de fazer algumas explorações espaciais por nossa própria conta, sem esforço ou desconforto, sem a ajuda de foguetes ou cápsulas — sem que isto nos custe nada ou àqueles que pagam seus impostos. Muitos, talvez, achem esta perspectiva mais interessante do que a do descanso eterno, prometido pelas Igrejas.

Convém considerar, no entanto, uma outra possibilidade, que alguns achariam menos atraente; se não nos

formarmos na Universidade da Terra, quando morrermos talvez tenhamos que voltar a este planeta para mais semestres e cursos em corpos humanos. Em suma, temos que considerar a possibilidade da reencarnação. Devemos tratar o assunto o mais objetivamente possível porque este é capaz de suscitar emoções violentas.

Se concordamos que a concepção — um acontecimento físico — não pode criar duas coisas não físicas, o campo L e a entidade, ficamos com duas escolhas. Ou devemos supor que estes foram criados misteriosamente e especialmente no momento da concepção ou que devem ter existido antes da fusão do espermatozoide com o óvulo.

A 1.^a opção corresponde a supor que a Natureza, o organizador supremo, é subserviente aos desejos humanos — ou aos cálculos errados.

Certamente será mais fácil acreditar que os campos L já prontos são sempre disponíveis num grupo comum — como foi sugerido anteriormente — e podem começar a organizar um embrião no útero tão logo a concepção tenha providenciado as condições moleculares certas. Em defesa desta teoria coloca-se o fato de todos os corpos humanos serem semelhantes e sua forma geral não se alterar essencialmente por 100.000 anos. Se a natureza criasse um campo L novo para cada concepção, seria de se esperar que usasse seu gosto pelas variedades fazendo mudanças maiores no desenho, através deste período.

As entidades, ao contrário, são todas individuais, e todas são diferentes — algumas bastante diferentes — uma das outras. Se pensamos que se organizaram de um bloco comum, temos que explicar como se tornaram diferentes — como, por exemplo, um Shakespeare ou um Einstein desenvolveram seu gênio individual.

Uma entidade — como já vimos — é uma organização acumuladora de experiências e aprender por experiências constitui a razão de sua existência. Porque todos nós nascemos diferentes, com talentos e aptidões variadas, parece razoável supor que nossas entidades existiram antes do nosso nascimento e adquiriram tipos diferentes de conhecimento e experiências em vidas anteriores. Do